

A outra herança de Rubião

Marcos Rogério Cordeiro*

Resumo

Este ensaio analisa comparativamente os romances **Memórias póstumas de Brás Cubas** e **Quincas Borba**, acompanhando o seu movimento e destacando alguns traços fundamentais do estilo de Machado de Assis. O objetivo é interpretar a gênese e a lógica da loucura de Rubião.

Palavras-chave: Machado de Assis; Literatura Brasileira; Loucura; Filosofia; Literatura Comparada.

Quincas Borba é um bom ponto de partida para entendermos a genialidade de Machado de Assis, empenhada sobre seu próprio universo de criação. O romance em questão, publicado em 1891 na forma de livro, depois de revisão do autor, saiu somente dez anos depois do romance anterior, **Memórias póstumas de Brás Cubas** – período durante o qual Machado manteve uma atuação intensa, publicando contos, crônicas, crítica e poesia – mas guarda em relação a ele uma continuidade e um desdobramento impressionantes.¹ Essa relação é expressa pelo próprio autor nos prólogos da segunda e terceira edições de **Quincas Borba** e explicitada – como forma de diegese e reflexão – pelo próprio narrador no capítulo quatro: “Este Quincas Borba, se acaso me fizeste o favor de ler as **Memórias póstumas de Brás Cubas**, é aquele mesmo naufrago da existência, que ali aparece, mendigo, herdeiro inopinado, e inventor de uma filosofia” (1994, p. 644).

* Texto recebido em outubro/2007 e liberado para publicação em novembro/2007.

Universidade Federal de Minas Gerais.

¹ As referências a esses dois romances serão feitas no corpo do texto com indicação da página: **Memórias póstumas de Brás Cubas** (1994, p. 511-639), e **Quincas Borba** (1994, p. 641-806), ambas retiradas da edição **Obra completa**.

As relações não param por aí, mas o interesse aqui é tratar de um tema em particular: qual a relação entre o Humanitismo, filosofia criada por Quincas Borba em *Memórias póstumas* e aí explicitada sob a forma de teoria, e a personalidade de Rubião, que aparece desenvolvida no romance seguinte? A idéia aqui exposta – na verdade, uma hipótese que não tem a pretensão de ser uma resposta definitiva sobre o problema, mas apenas um modo de encaminhá-lo, admitindo que ele existe – é que a gênese, as estruturas constitutivas, o desenvolvimento e até o desfecho da loucura de Rubião se realiza como desdobramento estético (isto é, propriamente romanesco, propriamente ficcional) da teoria filosófica do Humanitismo. Assim, quando o filósofo morre (a notícia é dada por Brás Cubas em uma carta a Rubião no capítulo 11 de *Quincas Borba*), Pedro Rubião de Alvarenga recebe duas heranças: uma delas vem impressa em testamento lavrado em cartório e se resume a uma rica soma de dinheiro, bens e investimentos que virão a se constituir o capital inicial de Rubião; a outra – a que aqui interessa analisar – não fica registrada de maneira explícita no livro como tal, mas aparece numa referência ligeira (mas nem por isso menos efetiva) no capítulo seis. Trata-se de uma passagem em que Rubião responde afirmativamente à indagação de Quincas sobre se ele quer ser seu discípulo. Não é o caso de entendermos Rubião como herdeiro do espólio intelectual de Quincas Borba, isto é, alguém que, compreendendo as artimanhas da teoria, pudesse desenvolvê-la ou aplicá-la (no capítulo 47, o narrador adverte: “Rubião não era filósofo”, p. 678), mas Rubião é herdeiro porque ele recebeu a teoria e a experienciou em vida, ou seja, o Humanitismo é a base de sua experiência vivida.

A seguir procurarei desenvolver o problema dividindo os argumentos em duas partes que se completam: numa delas vou analisar os fundamentos teóricos da filosofia humanista, na outra vou explicá-los como forma de construção da personalidade de Rubião, que acaba levando-o à loucura. Com isso, pretendo mostrar que existe um movimento de acumulação que aparece no primeiro livro como teoria do Humanitismo (extrato, por assim dizer, dos elementos essenciais que conformam uma certa concepção da vida e do mundo), e reaparece no segundo como forma de dramatização de personalidades e eventos. Em outras palavras, os elementos essenciais do Humanitismo servem de lógica de construção da trama de *Quincas Borba*.

O HUMANITISMO COMO TEORIA FILOSÓFICA

Ditas essas palavras iniciais, importa a partir de agora analisar o Humanitismo. Quincas Borba explica seus fundamentos, primeiramente, a Brás Cubas (ca-

pítulos 117 e 141 de *Memórias póstumas*) e, depois, a Rubião (capítulos cinco e seis de *Quincas Borba*). A seguir, cito uma passagem de *Memórias póstumas*, quando Quincas Borba apresenta sua filosofia pela primeira vez.

Quincas Borba expôs-me enfim o Humanitismo, sistema de filosofia destinado a arruinar todos os demais sistemas.

— Humanitas, dizia ele, o princípio das coisas não é outro senão o mesmo homem repartido por todos os homens. Conta três fases Humanitas: a *estática*, anterior a toda a criação; a *expansiva*, começo das coisas; a *dispersiva*, aparecimento do homem; e contará uma, a *contrativa*, absorção do homem e das coisas. A *expansão*, iniciando o universo sugeriu a Humanitas o desejo de o gozar, e daí a *dispersão*, que não é mais que a multiplicação personificada da substância original.

Como me não aparecesse assaz clara esta exposição, Quincas Borba desenvolveu-a de um modo profundo, fazendo notar as grandes linhas do sistema. Explicou-me que, por um lado, o Humanitismo ligava-se ao Bramanismo, a saber, na distribuição dos homens pelas diferentes partes do corpo de Humanitas; mas aquilo que na religião indiana tinha apenas uma estreita significação teológica e política, era no Humanitismo a grande lei do valor pessoal. Assim, descender do peito ou dos rins de Humanitas, isto é, ser *um forte*, não era o mesmo que descender dos cabelos ou da ponta do nariz. Daí a necessidade de cultivar e temperar o músculo. Hércules não foi senão um símbolo antecipado do Humanitismo. Nesta igreja nova não há aventuras fáceis, nem quedas, nem tristezas, nem alegrias pueris. (1994, p. 614-615)

Quincas Borba leu-me daí a dias a sua grande obra. Eram quatro volumes manuscritos, de cem páginas cada um, com letra miúda e citações latinas. O último volume compunha-se de um tratado político, fundado no Humanitismo; era talvez a parte mais enfadonha do sistema, posto que concebida com um formidável rigor de lógica. Reorganizava a sociedade pelo método dele, nem por isso ficavam eliminadas a guerra, a insurreição, o simples murro, a facada anônima, a miséria, as fomes, as doenças; mas sendo esses supostos flagelos verdadeiros equívocos do entendimento, porque não passariam de movimentos externos da substância interior, destinados a não influir sobre o homem, senão como simples quebra da monotonia universal, claro estava que a sua existência não impediria a felicidade humana. Mas ainda quando tais flagelos (o que era radicalmente falso) correspondessem no futuro à concepção acanhada de antigos tempos, nem por isso ficava destruído o sistema, e por dois motivos: 1º porque sendo Humanitas a substância criadora e absoluta, cada indivíduo deveria achar a maior delícia do mundo em sacrificar-se ao princípio de que descende; 2º porque, ainda assim, não diminuiria o poder espiritual do homem sobre a Terra, inventada unicamente para seu recreio dele, como as estrelas, as brisas, as tâmaras e o ruibarbo. (1994, p. 616-617)

A explanação inteira é feita a partir de uma maestria retórica refinada e inteligente: Quincas Borba resume a teoria com lógica, dá exemplos variados que colhe na história e no cotidiano, analisa a própria teoria e argumenta sobre suas vantagens, mostra contrafações na argumentação e analisa também, volta aos exemplos, depois à lógica da teoria e assim por diante.

As linhas principais do sistema humanitista são um pequeno inventário de algumas correntes de pensamento. Com uma linguagem prosaica (como se sabe,

Machado de Assis fez do discurso mesclado – usando palavras simples para descrever o complexo e o contrário – um método de composição) Quincas Borba apresenta resumidamente certos elementos constitutivos de vários sistemas filosóficos e religiosos. Existem traços do pensamento pré-socrático na concepção da natureza como *physis*, isto é, sem nenhuma intervenção criacionista, como também existem traços do estilo alegórico de Luciano. Indiretamente, também se nota a presença do pensamento de Spinoza (que defendia uma espécie de monismo racional), Leibniz (que buscava encontrar e relacionar a essência das substâncias da natureza e a essência humana) Giordano Bruno (herdeiro dos pré-socráticos, que possuía uma concepção imanentista da natureza, vista como um movimento de forças que se produzem a si mesmas), Schopenhauer (para quem a vontade humana é autônoma e advém de si mesma, sem uma sobre-determinação histórica ou divina), Nietzsche (herdeiro dos pré-socráticos e de Schopenhauer, que atribuiu poder e potência a essa vontade com o fim de justificar a autodeterminação do homem, declarando que Deus estava morto), Montaigne (que admitiu em seu próprio sistema filosófico a impossibilidade de alcançar a verdade e a necessidade de retro-alimentar a dúvida, e, além disso, atribuiu à ficção, um papel primordial na condução do pensamento), Erasmo (que reconheceu foros de razão na loucura e rasgos de loucura na razão), além de referências diretas ao Cristianismo, ao Islamismo e ao Bramanismo. Também existem traços de elementos da filosofia em voga na época de Machado, como o positivismo de Comte (resumido na teoria das três ou quatro fases de Humanitas, no sistema político e na transformação da doutrina filosófica em religião) e o darwinismo (que abrange uma teoria evolucionista da natureza, do homem e da sociedade).²

Tomado assim, no conjunto, o Humanitismo aparece como um sistema muito complexo, cheio de variações e nuances, possuindo vários aspectos, às vezes contraditórios, mas ainda assim, dotados de coerência e unidade. Por um lado, o Humanitismo pode ser entendido como um apanhado de sistemas filosóficos diversos e, salvo algumas exceções, sem relações ou elementos comuns. Mas, por outro lado, também pode ser entendido como uma paródia escarninha desses mesmos sistemas filosóficos, do ajuntamento desproporcional de todos eles em um sistema único, da ilusão racionalista de alcançar um sistema acabado e perfeito, superior a todos os outros, da ilusão humana em busca de uma compreensão absoluta sobre as coisas do universo. Por fim, mais um lado do mesmo sistema, o Humanitismo pode ser uma paródia escarninha de nossa condição periférica que,

² Muitos estudiosos procuraram dar conta do lastro filosófico e científico do Humanitismo, cada um dos quais procurando segmentar as influências que, a meu ver, foram todas. Entre eles ver: Ivan Teixeira, Consuelo Albergaria, Enylton de Sá Rego, Eunice Piazza Gai, Marta de Senna, Matoso Câmara, Lúcia Miguel Pereira, Elói Pontes, Afrânio Coutinho e Ronaldo de Melo e Souza.

diante da dificuldade de produzir sistemas filosóficos (e econômicos, políticos, sociais, culturais etc.) próprios, se esforça em acompanhar e adaptar sistemas já prontos.³ A paródia consiste justamente na maneira pouco instruída e muito pretenciosa com que Quincas Borba afirma a superioridade de sua filosofia (“destinad[a] a arruinar todos os demais sistemas”), embora o faça mediante um jogo discursivo que oblitera as contrafações de sua teoria, construindo uma lógica argumentativa que, contudo, impressiona e convence.

Para que negá-lo? [pergunta-se Brás Cubas] Eu estava estupefato, a lógica dos princípios, o rigor das conseqüências, tudo isso parecia superiormente grande, e foi-me preciso suspender a conversa por alguns minutos, enquanto digería a nova filosofia. (1994, p. 615-616)

Por sua vez, a paródia também possui outro lado, pois, se levada a sério, o Humanitismo pode ser considerado um sistema filosófico original, coerente em si mesmo, e com implicações diversas na economia, política e sociedade, tratando ainda de questões de raça e gênero.

Desse resumo, dois aspectos devem ser destacados. Primeiro, que o Humanitismo é uma declaração desabusada sobre o predomínio do homem, que, assim, assume uma posição central no sistema. Não se trata, porém, da defesa de um homem em particular, mas de qualquer um, pois todos descendem desse princípio universal e absoluto.

Sendo cada homem uma redução de Humanitas, é claro que nenhum homem é fundamentalmente oposto a outro homem, quaisquer que sejam as aparências contrárias. Assim, por exemplo, o algoz que executa o condenado pode excitar o vão clamor dos poetas; mas substancialmente é Humanitas que corrige em Humanitas uma infração da lei de Humanitas. O mesmo direi do indivíduo que estripa a outro; é uma manifestação da força de Humanitas. Nada obsta (e há exemplos) que ele seja igualmente estripado. Se entendeste bem, facilmente compreenderás que a inveja não é senão uma admiração que luta, sendo a luta a grande função do gênero humano, todos os sentimentos belicosos são os mais adequados à sua felicidade. Daí vem que a inveja é uma virtude. (1994, p. 615)

É importante chamar atenção para o fato de que, embora o Humanitismo parta do princípio de que cada homem é igual a outro, posto que todos compartilham a mesma origem (“Humanitas não é outro senão o mesmo homem repartido por todos os homens”, p. 614), não chega a se constituir como uma filosofia antropocêntrica. A vida, segundo o Humanitismo, é algo que vive independente de qualquer indivíduo em particular, que é prescindível, uma vez que tanto faz um pelo outro, pois todos são ramos de Humanitas.

³ Roberto Schwarz e Paulo Eduardo Arantes se dedicaram a analisar os impasses da evolução do pensamento no Brasil, apontando os entraves que enfrenta; ver referências no final do ensaio.

O segundo aspecto que deve ser destacado revela que o Humanitismo também não é uma filosofia abstrata, mas a abstração de um movimento social objetivo: de maneira alegórica ele apresenta um cenário de competição desenfreada incutida nas leis do mercado econômico e social.

— A guerra [continua Quincas Borba], que parece uma calamidade, é uma operação conveniente, como se disséssemos o estalar dos dedos de Humanitas; a fome (e ele chupava filosoficamente a asa do frango) a fome é uma prova a que Humanitas submete a própria víscera. Mas eu não quero outro documento da sublimidade do meu sistema, senão este mesmo frango. Nutriu-se de milho, que foi plantado por um africano, suponhamos, importado de Angola. Nasceu esse africano, cresceu, foi vendido; um navio o trouxe, um navio construído de madeira cortada no mato por dez ou doze homens, levado por velas, que oito ou dez homens teceram, sem contar a cordalha e outras partes do aparelho náutico. Assim, esse frango, que eu almocei agora mesmo, é o resultado de uma multidão de esforços e lutas, executados com o único fim de dar mate ao meu apetite. (1994, p. 616)

O que o sistema filosófico de Quincas Borba ensina é que os homens disputam poder entre si, não importando quem vence, pois, como todo homem desce de Humanitas, é Humanitas quem vence sempre. Se entendermos essa determinação “filosófica” como abstração dos valores dominantes, podemos inferir que aqui é o sistema econômico e social em que os personagens atuam que se perpetua, independentemente da sorte de cada indivíduo: “A destruição não atinge o princípio universal e comum” (p. 648). Assim, por meio de subterfúgios inteligentes e maneiristas, estes dois aspectos evidenciam uma via de raciocínio que aceita o egoísmo pessoal e a assimetria social.

Voltando aos exemplos acima, a retórica armada por Quincas Borba é construída com rigor lógico que manipula livremente inversões de idéias e valores socialmente aceitos.⁴ Desse modo, ele expõe uma bagatela como algo extraordinário, explica-a e justifica sua eficácia. O modo cínico, pretensioso e surpreendente com que desenvolve seus argumentos serve para ressaltar justamente o inusitado e o inaceitável da teoria, mas, ao mesmo tempo, revela em negativo a lógica egoísta da natureza humana e a lógica arrivista das sociedades. A partir de um princípio fundamental do Humanitismo, Quincas Borba apresenta (no capítulo cento e quarenta e um de *Memórias póstumas*) uma concepção inusitada a respeito da história da humanidade, embora o faça – como é próprio de seu estilo de exposição – de maneira alusiva e enigmática.

⁴ Um breve estudo de Carlos Sepúlveda mostra como Machado costumava tratar de certos conteúdos do senso comum com o objetivo de invertê-los, levando, assim, as normas sócio-culturais a um impasse.

Dai a pouco demos com uma briga de cães; fato que aos olhos de um homem vulgar não teria valor. Quincas Borba fez-me parar e observar os cães. Eram dois. Notou que ao pé deles estava um osso, motivo da guerra, e não deixou de chamar a minha atenção para a circunstância de que o osso não tinha carne. Um simples osso nu. Os cães mordiam-se, rosnavam, com o furor nos olhos... Quincas Borba meteu a bengala debaixo do braço e parecia em êxtase.

— Que belo que é isto! dizia ele de quando em quando.

Quis arrancá-lo dali, mas não pude; ele estava arraigado ao chão, e só continuou a andar, quando a briga cessou inteiramente, e um dos cães, mordido e vencido, foi levar a sua fome a outra parte. Notei que ficara sinceramente alegre, posto contivesse a alegria, segundo convinha a um grande filósofo. Fez-me observar a beleza do espetáculo, relembrou o objeto da luta, concluiu que os cães tinham fome; mas a privação do alimento era nada para os efeitos gerais da filosofia. Nem deixou de observar que em algumas partes do globo o espetáculo é mais grandioso: as criaturas humanas é que disputam aos cães os ossos e outros manjares menos apetecíveis; luta que se complica muito, porque entra em ação a inteligência do homem, com todo o acúmulo de sagacidade que lhe deram os séculos, etc. (1994, p. 629)

Voltando à idéia de que existe entre *Memórias póstumas* e *Quincas Borba* uma linha de continuidade e desdobramento de questões comuns importantíssimas, citarei a seguir uma passagem do capítulo seis do segundo livro na qual dois episódios merecem atenção especial por causa de sua semelhança com o exemplo anterior, retirado de *Memórias póstumas*. Trata-se de um acidente que envolveu a avó de Quincas Borba e de uma historieta que ele conta para simplificar a teoria para Rubião.

— Para entenderes bem o que é a morte e a vida, basta contar como morreu minha avó.

— Como foi?

— Foi no Rio de Janeiro, começou ele, defronte da Capela Imperial, que era então Real, em dia de grande festa; minha avó saiu, atravessou o adro, para ir ter à cadeirinha, que a esperava no Largo do Paço. Gente como formiga. O povo queria ver entrar as grandes senhoras nas suas ricas traquitanas. No momento em que minha avó saía do adro para ir à cadeirinha, um pouco distante, aconteceu espantar-se uma das bestas de uma segue; a besta disparou, a outra imitou-a, confusão, tumulto, minha avó caiu, e tanto as mulas como a segue passaram-lhe por cima. Foi levada em braços para uma botica da Rua Direita, veio o sangrador, mas era tarde; tinha a cabeça rachada, uma perna e o ombro partidos, era toda sangue; expirou minutos depois.

— Foi realmente uma desgraça, disse Rubião.

— Não.

— Não?

— Ouve o resto. Aqui está como se tinha passado o caso. O dono da segue estava no adro, e tinha fome, muita fome, porque era tarde, e almoçara cedo e pouco. Dali pôde fazer sinal ao cocheiro; este fustigou as mulas para ir buscar o patrão. A segue no meio do caminho achou um obstáculo e derrubou-o; esse obstáculo era minha avó. O primeiro ato dessa série de atos foi um movimento de conservação: Humanitas tinha fome. Se em vez de minha avó, fosse um rato ou um cão, é certo que minha avó não morreria, mas o fato era o mesmo; Humanitas precisa comer. Se em vez de um rato ou de um cão, fosse um poeta, Byron ou Gonçalves Dias, diferia o caso no

sentido de dar matéria a muitos necrológicos; mas o fundo subsistia. O universo ainda não parou por lhe faltarem alguns poemas mortos em flor na cabeça de um varão ilustre ou obscuro; mas Humanitas (e isso importa, antes de tudo) Humanitas precisa comer.

— Não há morte [continua Quincas Borba mais adiante]. O encontro de duas expansões ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. (...) Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor as batatas. — Mas a opinião do exterminado?

— Não há exterminado. Desaparece o fenômeno; a substância é a mesma. Nunca viste ferver a água? Hás de lembrar-te que as bolhas fazem-se e desfazem-se de contínuo, e tudo fica na mesma água. Os indivíduos são essas bolhas transitórias.

— Bem; a opinião da bolha...

— Bolha não tem opinião. Aparentemente, há nada mais contristador que uma dessas terríveis pestes que devastam um ponto do globo? E, todavia, esse suposto mal é um benefício, não só porque elimina os organismos fracos, incapazes de resistência, como porque dá lugar à observação. Nada se perde, tudo é ganho. Repito, as bolhas ficam na água. Vês este livro? É *D. Quixote*. Se eu destruir meu exemplar, não elimino a obra que continua eterna nos exemplares subsistentes e nas edições posteriores. Eterna e bela, belamente eterna, como este mundo divino e supradivino. (1994, p. 646-649)

O atropelamento da avó de Quincas Borba prova o que já foi dito: sem um *telos*, a vida segue à revelia do destino de um indivíduo, que fica, assim, sartreanamente, estendido entre dois nada – mas a morte não é perda porque ela possibilita a existência de outra vida, mais apta que a anterior para perpetuar. O segundo exemplo mostra que tanto faz se se trata de um indivíduo ou de uma tribo inteira – a disputa, o arrivismo, a eliminação da concorrência, a superação do obstáculo (qualquer que seja ele, como Quincas Borba insistiu em deixar bem claro) fazem-se necessários para que o mundo continue a existir tal como é. A nadificação da vida esvazia o sentido humano do mundo, mas não interfere nem invalida a lógica do sistema (seja o filosófico, o econômico, o social ou outro) que continua funcionando indefinidamente.

Comparando esses dois exemplos com o da luta dos cães pelo osso, vemos que existe um desdobramento de certas idéias de *Memórias póstumas de Quincas Borba*, idéias que constituem mesmo o nervo de um e outro livros: eles expõem uma filosofia que – embora alimentada por muitos dos filósofos que Machado lia regularmente e com os quais se instruiu – podemos considerar uma

filosofia propriamente machadiana, muito encontrada em suas obras, mas nunca apresentada com tanto cuidado nem tanta clareza como nestes romances. Desse modo, o Humanitismo deixa de ser apenas uma paródia desconstrutora de sistemas filosóficos absolutos e passa a ser também a construção de uma filosofia cética. Esse ceticismo não pode ser confundido com niilismo, absenteísmo ou coisas do gênero.⁵ Ora, o ceticismo se constitui uma visão de mundo tão poderosa na ficção machadiana, que se converte na forma privilegiada de organização do material, um método de composição. Seja numa briga de cães, numa guerra entre tribos ou num atropelamento na rua, sempre existe alguém que sobrepuja outro para sua própria fortuna: agora, o Humanitismo deixa de ser apenas uma filosofia cética e se torna também uma filosofia social crítica (revela-se uma forma decantada das normas de conduta numa sociedade cujo funcionamento depende da exploração econômica generalizada e do arrivismo social de que se alimenta).

O HUMANITISMO COMO FILOSOFIA DRAMÁTICA

Em *Quincas Borba*, Machado de Assis dá mais uma volta no parafuso ao construir a personalidade de Rubião e o processo que o envolve por todos os lados até o limite de sua loucura. Frente ao sistema filosófico do Humanitismo, Rubião conserva uma atitude ambígua.

Por um lado, Rubião se mostra incapaz de compreender os fundamentos básicos da filosofia. Em uma passagem, ele responde, com uma pergunta, a indagação de Quincas Borba sobre o seu desdém para com o Humanitismo: “pois eu tenho capacidade para desdenhar filosofias?” (1994, p. 646). Em um diálogo entre Quincas e Rubião, essa incapacidade fica explícita:

Rubião escutava, com a alma nos olhos, sinceramente desejoso de entender; mas não dava pela necessidade a que o amigo atribuía a morte da avó. Seguramente o dono da segue, por muito tarde que chegasse a casa, não morria de fome, ao passo que a boa senhora morreu de verdade, e para sempre. Explicou-lhe, como pôde, essas dúvidas, e acabou perguntando-lhe:

— E que Humanitas é esse?

— Humanitas é o princípio. Mas não, não digo nada, tu não és capaz de entender isto, meu caro Rubião; falemos de outra coisa. (1994, p. 648)

⁵ Muitas vezes esses princípios são confundidos, como podemos ver nos estudos de Augusto Meyer, Afrânio Coutinho e Marta de Senna. Essa concepção, no entanto, leva a uma compreensão precária da mundivisão implícita na obra de Machado de Assis. Neste sentido, são esclarecedoras as teses de Eunice Piazza Gai, Sérgio Paulo Rouanet e Ronaldo de Melo e Souza.

Por fim, Quincas Borba zomba de Rubião numa carta que lhe escreveu do Rio de Janeiro: “Quem sou eu, Rubião? Sou Santo Agostinho. Sei que há de sorrir, porque você é um ignaro, Rubião; a nossa intimidade permitia-me dizer palavra mais crua, mas faço-lhe esta concessão, que é a última. Ignaro!” (1994, p. 651).

Mas, como foi dito, a atitude de Rubião diante da filosofia do amigo é ambígua, pois, por outro lado, ele demonstra ter compreendido sim a lógica do Humanitismo. Confirmamos isso numa passagem em que ele está em sua casa refletindo sobre a própria vida e fazendo algumas conjecturas. Trata-se de uma cena na qual o narrador penetra a consciência de Rubião e deixa que ela se manifeste por si mesma, dramatizando suas indagações a partir do confronto direto de duas vozes que se interpelam dentro de sua consciência.

Rubião fitava a janela – eram oito horas da manhã. Quem o visse, com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas, em verdade, vos digo que pensava em outra coisa. Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Tunis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.

“Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas”, pensou ele. Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça... (1994, p. 643)

Neste pequeno solilóquio, Rubião como que interpela a si mesmo e conclui que todos os infortúnios combinaram-se para que ele pudesse alcançar a posição a que chegou: capitalista, investidor em negócios promissores, homem de relações mundanas importantes, proprietário reconhecido por todos. Sua posição é semelhante à do cão que fica com o osso, à da tribo que conquista o campo de batatas e à do dono da segue que se satisfaz à mesa.

Desse modo, podemos dizer que a trajetória de Rubião o coloca sob o raio de explicação do Humanitismo, que sua função – enquanto *persona ficta* – no romance **Quincas Borba**, é dramatizar a teoria dessa filosofia, pois quando Quincas Borba ensina que “o encontro de duas expansões ou a expansão de duas formas pode determinar a supressão de uma delas”, esse axioma vale como chave para Rubião concluir que a “desgraça” do amigo e da irmã lhe trouxe fortuna. Ou seja, a morte dos entes mais queridos foi o contrapeso para que Rubião alcançasse seus maiores objetivos – riqueza e prestígio – ou sua ascensão foi uma compensação para a morte de Quincas Borba e Piedade. Tanto faz, porque, na visão de Rubião – educada nos intertícios do Humanitismo – “tudo é ganho” (1994, p. 649). Na passagem acima citada, Rubião parece ter compreendido a lógica do

Humanitismo, porém não a compreendeu de todo, mas somente uma parte do sistema – a parte que lhe interessa diretamente, porque justifica aquilo que o favorece: “A supressão de uma [vida] é a condição de sobrevivência da outra” (1994, p. 648). Como nos outros casos citados, Rubião vence a batalha da vida.

É preciso frisar bem que esse equilíbrio de forças e oportunidades, que sempre favorece os mais aptos, faz parte do sistema da vida, porque, assim, segundo o Humanitismo, o sistema se auto-regulamenta em favor de seu aperfeiçoamento: “Substancialmente é Humanitas que corrige em Humanitas uma infração da lei de Humanitas” (p. 615), esclarece Quincas Borba em *Memórias póstumas*. Portanto, e ao contrário do que Rubião presume, seu enriquecimento repentino, depois de receber uma ótima herança de mão beijada, não foi um favorecimento do destino à sua pessoa – posto que não existe um *telos* no horizonte ficcional de Machado de Assis – mas uma volta na engrenagem que movimenta o mundo. Rubião não entende assim e, por isso, dizemos que ele não toma consciência da outra metade do sistema e, por extensão, da própria vida. A confirmação disto vem na continuação do trecho acima citado, no qual Quincas Borba desdobra as contradições de sua filosofia (fazendo uso daquele estilo retórico já analisado): “O mesmo direi do indivíduo que estripa a outro; é uma manifestação de força de Humanitas. Nada obsta (e há exemplos) que ele seja também estripado” (p. 615). Ou seja, “no encontro de duas expansões”, aquela que certa feita suprimiu outra, pode um dia ser suprimida – é a lei universal de Humanitas: “nada se perde, tudo é ganho”, afirma-se em algum momento, e, em outro se conclui “é Humanitas que corrige em Humanitas uma infração da lei de Humanitas”.

Porque Rubião não entendeu que a vida é uma engrenagem em movimento, porque ele não entendeu que a lógica do Humanitismo previa esse equilíbrio conflitivo entre interesses polarizados, ele não adquiriu uma consciência clara do meio social em que vivia: achando-se um vencedor na vida, não cogitou a possibilidade de ser vencido um dia. E foi o que aconteceu quando “encontrou” o casal Palha, o Dr. Camacho e os outros. Todos eles tiraram proveito do ignaro Rubião, que não percebeu estar diante de uma situação desfavorável – um meio social dominado por arrivistas sociais, políticos e econômicos, cujo funcionamento ele não entendia – e que poderia ser por ela suprimido sem sequer notar. A ilusão de Rubião é resultado de uma das armadilhas do Humanitismo: a concepção filosófica de que o universo se submete ao homem, colocando-o numa posição central do sistema. É isso que se pode entender quando Quincas Borba define: “Não faço do homem um simples veículo de Humanitas; não, ele é ao mesmo tempo veículo, cocheiro e passageiro; ele é o próprio Humanitas reduzido” (1994, p. 615). Rubião acredita que o homem é o centro de força do universo e da sociedade porque acredita ser ele próprio esse homem – tal como em um dos axiomas

da filosofia de Quincas. Afirmar isso, aliás, é o seu propósito quando procura convencer Brás Cubas de que toda engrenagem econômica (desde a existência do africano, seu cativo, sua transposição para o Brasil, o regime de trabalho a que estava submetido, a fabricação de velas e barcos, a plantação de milho e todo o resto) existia com o único fim de alimentar galinhas para saciar o apetite dele próprio, Quincas (1994, p. 616).

Como foi dito, se acompanharmos todas as viravoltas das argumentações de Quincas Borba, veremos que não é o homem, mas o próprio Humanitas que é o centro do sistema: quando Rubião pergunta ao amigo “Mas que Humanitas é esse?”, o filósofo responde: “— Humanitas é o princípio. Há nas coisas todas certa substância recôndita e idêntica, um princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível (...) essa substância ou verdade, esse princípio indestrutível é que é Humanitas” (1994, p. 648). Essa definição deixa transparecer – além do lastro idealista que sustenta o Humanitismo – a lógica segundo a qual, o sistema (filosófico? social? econômico?) funciona por si mesmo e os homens, com todas as suas idiossincrasias e apesar de sua autonomia, está inscrito neste sistema para se perder.

É curioso que Machado de Assis tenha alterado o início do romance, mostrando justamente um dos momentos em que Rubião desdobra-se e trava um monólogo a duas vozes.⁶ Este solilóquio inicial revela um traço importante da consciência de Rubião. Depois disso, ela vai se desdobrar muitas outras vezes, de maneiras diferentes e em situações diversas. Essa característica fica explícita em uma consideração feita pelo narrador, que vê “confusão e incerteza” em Rubião: “[sua] consciência partia-se em duas, uma increpando a outra, a outra explicando-se, e ambas desorientadas” (1994, p. 677). Quer dizer, aqui encontramos uma concentração partida, como se Rubião fosse, ele mesmo, “o encontro de duas expansões ou a expansão de duas formas”.

A cisão interior de Rubião leva a um desfecho trágico: o desdobramento da consciência e da personalidade evolui em meio a um processo lento e irreversível de desidentificação e, aos poucos, Rubião vai construindo uma identidade na alteridade, um outro Eu que ele cria e no qual passa a viver de tempos em tempos. Exemplo disso é a passagem em que conversa com o seu barbeiro francês:

— O senhor vai perder uma bela barba, dizia [Lucien] em francês. Conheço pessoas que fizeram a mesma coisa, mas para servir a alguma dama. Tenho sido confidente de homens respeitáveis...

— Justamente! Interrompeu Rubião.

⁶ Na primeira versão do romance, publicada em periódico sob a forma de folhetim, a passagem se encontra no meio da história. Na segunda versão, primeira em livro, ela foi deslocada para o início da narrativa, no primeiro capítulo. Para comparação ver as versões “a” e “b”.

Não entendera nada; posto soubesse algum francês, mal o compreendia lido e não o entendia falado. Mas, fenômeno curioso, não respondeu por impostura; ouviu as palavras, como se fossem cumprimento ou aclamação; e, ainda mais curioso fenômeno, respondendo-lhe em português, cuidava falar francês.

— Justamente! repetiu. Quero restituir a cara ao tipo anterior; é aquele. E, como apontasse para o busto de Napoleão III... (1994, p. 766)

A ausência de si mesmo se deixa manifestar no ato de Rubião imaginar travar um diálogo autêntico com o interlocutor e de imaginar seu, o tipo de outrem. Adiante, depois de *ver* passar “muitas coisas suntuosas” (1994, p. 767), ele volta à realidade aos poucos, não de pronto.

Rubião ouvia com seriedade, e acenava de cabeça que sim, que devia ser assim por força. Sentia-se então imperador dos franceses, incógnito, de passeio; descendo à rua, voltou ao que era. (...) Rubião era ainda dois. Não se misturavam nele a própria pessoa com o imperador dos franceses. Revezavam-se; chegavam a esquecer-se um do outro. Quando era só Rubião, não passava do homem de costume. Quando subia a imperador, era só imperador. Equilibravam-se, um sem outro, ambos integrais. (1994, p. 768)

Trata-se aqui do “encontro de duas expansões ou expansão de duas formas”, como prega o Humanitismo; mas, como prega o Humanitismo, esse encontro ou essa expansão “pode determinar a supressão de uma delas”. A loucura de Rubião paga tributo a este desdobramento lógico de Humanitas: ao fim e ao cabo, não restará a Rubião um rasgo de personalidade nenhuma.

[Rubião] não morreu súbdito nem vencido. Antes de principiar a agonia, que foi curta, pôs a coroa na cabeça – uma coroa que não era, ao menos, um chapéu velho ou uma bacia, onde os espectadores palpassem a ilusão. Não senhor; ele pegou em nada, levantou nada e cingiu nada; só ele via a insígnia imperial, pesada de ouro, rútila de brilhantes e outras pedras preciosas. O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito; o corpo caiu outra vez; o rosto conservou porventura uma expressão gloriosa.

— Guardem a minha coroa, murmurou. Ao vencedor...

A cara ficou séria, porque a morte é séria; dois minutos de agonia, um trejeito terrível, e estava assinada a abdicação. (1994, p. 806)

Analisando de perto e com muito cuidado, vemos então que a loucura de Rubião não advém da lógica enviesada do Humanitismo, mas sim do fato de que, não alcançando compreendê-la como um todo e em sua dinâmica, ele sucumbe diante dos percalços que o mundo, a sociedade lhe apresentam, perde a consciência dos fatos e de si e dramatiza essa condição até o limite da loucura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da personalidade de Rubião e da gênese e desfecho de sua loucura a partir de sua relação com a filosofia cética criada por Quincas Borba permite entender o método de composição de Machado de Assis. Partindo de uma atitude comparativa, a experiência vivida do personagem se mostra como desdobramento dramatizado de um sistema criado como teoria, mas também como ficção. O Humanitismo não é outra coisa: o arranjo de idéias cuja explanação depende da performance argumentativa, da performance verbal. Tudo isso mostra como Machado tinha domínio técnico sobre seu próprio universo criado e sobre as formas de criação: ele disciplinou com talento e controlou com senso de análise impressionante, a matéria de um e outro livros, colocou-os em relação e desenvolveu a continuidade e o desdobramento entre ambos com muito engenho e arte.

Abstract

This essay analyses comparatively the novels *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*, following its movement and distinguishing some essential marks of Machado de Assis's style. The objective is to interpret the beginning and the logic of the Rubião's madness.

Key words: Machado de Assis; Brazilian literature; Madness; Philosophy; Comparative literature.

Referências

ALBERGARIA, Consuelo. A filosofia do humanitismo. In: SANT'ANNA, Affonso Romano *et al.* Machado de Assis: estudo de literatura brasileira. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, n. 4. p. 47-52, 1994.

ARANTES, Paulo Eduardo. *O fio da meada: uma conversa e quatro entrevistas sobre filosofia e vida nacional*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

ARANTES, Paulo Eduardo. *O sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualismo segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 1. 1.214 p.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. s/ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1976a.

ASSIS, Machado de. **Quincas Borba** (apêndice). s/ ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1976b.

BARBIERI, Ivo (Org.). **Ler e reescrever Quincas Borba**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2003.

CÂMARA, Matoso. **Ensaio machadiano (língua e estilo)**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.

COUTINHO, Afrânio. **Machado de Assis na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: ABL, 1990.

GAI, Eunice Piazza. **Sob o signo da incerteza: o ceticismo em Montaigne, Cervantes e Machado de Assis**. Santa Maria: Ed. UFSM, 1997.

MEYER, Augusto. **Quincas Borba em variantes**. In: MEYER, Augusto. **A chave e a máscara**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1964. p. 171-188.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico**. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

PONTES, Elói. **A vida contraditória de Machado de Assis (estudo crítico e biográfico)**. Rio de Janeiro, 1939.

REGO, Enylton de Sá. **O calundu e a panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

ROUANET, Sérgio Paulo. **Riso e melancolia: a forma schandiana em Sterne, Diderot, Xavier de Maistre, Almeida Garret e Machado de Assis**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SCHWARZ, Roberto. **Cuidado com as ideologias alienígenas**. In: SCHWARZ, Roberto. **O pai de família e outros estudos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 115-122.

SCHWARZ, Roberto. **As idéias fora do lugar**. In: _____. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1988. p. 13-28.

SCHWARZ, Roberto. **Nacional por subtração**. In: _____. **Que horas são?** São Paulo: Cia das Letras, 1989. p. 29-48.

SENNA, Marta de. **O olhar oblíquo do bruxo: ensaios em torno de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SEPÚLVEDA, Carlos. **Teoria do medalhão ou a reconstrução da esfera pública burguesa**. In: SANT'ANNA, Affonso Romano *et al.* **Machado de Assis: estudo de literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, n. 4. p. 39-46, 1994.

SOUZA, Ronaldo de Melo e. **O romance tragicômico de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2006.

TEIXEIRA, Ivan. **Apresentação de Machado de Assis**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.